

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE: o contraponto do mundo**SOCIAL REPRESENTATIONS OF YOUTH: the counterpoint of the world**

*Eguimar Felício Chaveiro¹
Donizette Soares da Silva²
Fernanda Silva Martins³*

RESUMO: A juventude contemporânea, objeto de estudo de diversos campos científicos e centro de várias representações elaboradas por setores do Estado, da polícia, da educação, dos movimentos sociais, organizada e estruturada em vários segmentos, não recebe as cifras pejorativas a seu respeito de maneira paciente e silenciosa. Ela mesma, a juventude, perante os seus vários grupos, diz o mundo e diz a si. É corajosa para narrar os seus problemas. A juventude contemporânea se apresenta como um documento objetivo do mundo; é expressão e forma ativa das transformações sociais. Pode-se dizer: ela é atravessada por “densas trajetórias sociais”. O objetivo deste trabalho é ouvir a voz da juventude que frequenta a escola pública da periferia de Goiânia, especificamente da região noroeste de Goiânia-Go. Para a realização do trabalho conta-se com o suporte de pesquisas desenvolvidas há 20 anos; com a participação em conferências da juventude; levantamento de dados feitos em fontes secundárias; organização de escutas da voz juvenil; elaboração de seminários; pesquisa participante na condição de professores que, frequentemente, dialogam com os jovens, escutam o seu grito, o seu clamor, a sua força disruptiva.

Palavras-Chave: Juventude contemporânea. Vozes da juventude. Desafios da escola pública. Densas trajetórias sociais.

ABSTRACT: The modern youth, studied by several scientific fields and object of a number of representations developed by sectors of the State, the police, the education, the social movements, organized and structured in many segments, does not get unpleasant comments regarding the subject in a patient and silent mode. The youth itself, due to its many groups, says a lot to the world and to its own. It is brave to tell its own problems. The modern youth presents itself as an objective document of the world; it is the expression and active form of social transformations. You can say that it has been through "dense social paths". The aim of this assignment is to listen to the youth's voice that attends public schools from Goiania's outskirts, mainly in the northwest of

¹ Professor do Instituto de Estudos Socioambientais – Universidade Federal de Goiás.

² Professor da rede municipal de Goiânia e rede estadual de Goiás.

³ Mestranda da Universidade Federal de Goiás.

Goiânia-GO. In order to perform this task, researches developed over twenty years were used as support; youth conferences were attended; data was created with secondary sources; young voices were listened to; seminars were elaborated; research was made by teachers who often would talk to young people, would listen to their call, their cry, their disruptive strength.

Keywords: Modern Youth. Youth's voices. Public school. Challenges. Dense social paths.

Data da submissão: 10.novembro.2019

Data de aprovação: 18.fevereiro.2021

1 INTRODUÇÃO

A aceleração histórica, marca desse período, perante a qual tudo se transforma com rapidez, em contraste com a rigidez das instituições, entre as quais, se situa a escola pública e privada, é um ponto crucial nas representações desenvolvidas sobre a juventude contemporânea. Quando a referência espacial é a periferia proletária da metrópole brasileira, como é Goiânia-Go, o contraste supera a relação entre vida vivida e ativismo institucional. Geralmente, a escola pouco se interessa pelo que Arroyo (2004), denomina “densas trajetórias sociais”, dos alunos.

O fato é que a juventude empobrecida, fragmentada em diferentes grupos, como evangélicos, rockeiros, gente do hip-hop, trabalhadores informais, desistentes da escola, filhos de mães solas, ou que pertencem às torcidas organizadas de times de futebol, viciados em drogas – e outras infinitudes de identificações como os skatistas, viciados em redes da internet, moralistas, empreendedores – escalam o que Arroyo (2012), chama “vivências entrelaçadas”.

Interessa-nos, neste texto, compreender quem é esse jovem; e também a sua história de vida, seus sonhos, seus conflitos, suas dificuldades e suas potências. Ao basear-se na referência de Paulo Freire (2011), para o qual a escola não tem direito de silenciar a voz do oprimido, ao contrário, deve agir

para libertá-lo de qualquer opressão, é que serão pautadas as reflexões deste trabalho.

Para a realização deste trabalho, além de contar com o acervo de pesquisas elaboradas há mais de 20 anos, incluindo orientações de graduação, mestrado e doutoramento, contaremos com uma parceria enovelada no interior do grupo de pesquisa/estudo/orientação “Espaço, Sujeito e Existência”, radicado no IESA – Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás.

Os estudos anteriormente realizados e os que subsidiam o presente trabalho afirmam que a atitude política da escola pública, por meio da ação de gestores e coordenadores, e a atitude pedagógica e cultural dos professores, necessitam criar meios para ouvir a voz da juventude que, dentro da escola, mostra-se afeita à estrutura social implicada em sua vida; e fora da escola se nutre das contradições que implicam não apenas na sua vida, mas em todos os trabalhadores. Trata-se, portanto, no plano do método de não interiorizar a reflexão do jovem aluno, pois Ele é produto das densas trajetórias sociais ocorridas externamente; e não externalizá-lo, como se a escola, desde a gestão até o preparo das aulas e o exercício didático, em que configura a relação ensino e aprendizagem, não tivesse obrigações e forças para contribuir na formação de seus valores, de suas convicções, no seu modo de ler o mundo e a si mesmo.

Por fim, esclarecemos que os dados e a coleta das histórias de vida em formas de cartas, conteúdos deste texto, foram angariados a partir do contato direto na escola pública Severiano Araújo, localizada na da região noroeste de Goiânia. Um questionário foi aplicado para gerar informações estruturais do mundo jovem. Caracterizada por inicialmente ser produto de lutas sociais urbanas e, posteriormente, por abrigar trabalhadores migrantes, especialmente da região nordeste e norte do Brasil, a região noroeste, embora com diferenciação interna, se apresenta como uma periferia proletária. Por isso, mesmo influenciada pela sociodiversidade metropolitana, possui uma identidade espacial que ajuda na formulação da pergunta: quem é o jovem da periferia urbana? Como Ele se comporta na escola pública?

2 PARA LER A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Os estudiosos da juventude brasileira, seja de trabalhadores ou do que se alcunha de classe média e mesmo dos “filhos da elite”, observa que é frequente, no senso comum, haver uma representação da juventude feita a partir de um critério comparativo. Supõe, por exemplo, que a juventude das décadas de 1960 e 1970, a partir de suas corporeidades, da cultura, das lutas políticas e de uma espécie de coragem coletiva, apresentava o signo de sua identidade mediante uma característica combatente e insubordinada.

A leitura comparativa elencava outras características. A posição combativa e corajosa dos jovens contra as guerras do Vietnã, contra o machismo patriarcal, contra qualquer forma autoritária e favorável ao sexo livre, à contracultura, indicavam o contraponto à juventude que posterior à década de 1980, vinha adotar a cultura de massa, o consumismo e o esmaecimento da coragem em nome de instituições, como o mercado, a publicidade, às forças dominantes. A leitura comparativa escolhe, no caso do Brasil, alguns protagonistas como exemplo universal, como, por exemplo, Chico Buarque, Caetano Veloso, Glauber Rocha e esquece que, no mesmo período do protagonismo desses valiosos jovens, a maioria era analfabeta e pouco sabia sobre os acontecimentos urbanos.

A fragilidade da interpretação da juventude ao modo comparativo é comprovada quando se estabelece a seguinte interrogação: qual é o mundo concreto pela qual a juventude desenvolve a sua vida? Ao fazer esta pergunta, outras aparecerem de imediato: como fica a cabeça do jovem com o terror criado pelo desemprego estrutural? Os jovens podem confiar nas instituições, no Estado, no aparato jurídico, nas representações políticas, na idoneidade dos empresários brasileiros?

Lançar a leitura da juventude por meio das relações sociais concretas, indica, como posição de método, estabelecer o nexos entre as características e as formas de acumulação das sociedades contemporâneas e as suas influências e implicações na vida dos jovens. Quando se procede a análise por esse caminho, como fez Arroyo (2004), ao invés de predicar pejorativamente o jovem deste tempo, a seta da representação muda de lugar: enxerga-se que o

mundo concreto em que o jovem vive é perigoso, desigual, cunhado de expedientes simbólicos vulneráveis.

Posta assim a análise, é fácil descobrir que os vários tipos de violência; as eminentes crises econômicas geradas pelo grande cassino global de capitais; o poder dos impérios agroalimentares e dos grandes conglomerados; o domínio do capital financeiro e a imensa lucratividade dos bancos; a fragilidade das instituições; a disseminação de ideologias fundadas no esteticismo, no narcisismo, no sexismo; as dificuldades do deslocamento nas metrópoles – e tantos outros problemas – afetam a vida do jovem diariamente. O mundo que chega ao jovem é problemático, perigoso, precário.

É muito fácil num mundo cortado de tantos perigos e contradições, haver, no jovem, um sentimento de impotência e uma dificuldade de construir um projeto coletivo para o país e para si. Essa impotência atua em vários caminhos e pode gerar desesperos, pânicos. Takeuti (2004) faz referência, por exemplo, à fragilização dos laços sociais como corolário da instabilidade social e econômica.

O adoecimento e a violência são, com frequência, resultantes da instabilidade e do enfraquecimento dos laços sociais. Depressão, ansiedade, fobias, perplexidades, desorganização da emoção, dificuldades em produzir os afetos com consistência, intercedem no mundo mental do jovem, replicam em suas condutas e, em muitos, casos, em seu pedido de socorro. Lançado na esfera da competição desde a infância ou obliterado das possibilidades vitais, o jovem contrai, com facilidade, o pânico e toda espécie de fobia. Por essas reflexões, Arroyo (2004), faz referência ao jovem como documento do mundo.

É o jovem que, primeiramente, se vê envolvido no esquema da hiperconectividade, da ponte próxima entre vício e virtualidade, entre informação e compulsão. Isso adentra a sala de aula porque faz parte da cabeça juvenil, de sua dificuldade de ouvir, de concentrar-se, de demorar-se na atenção.

Ademais, os termos “jovem”, “juventude”, “cultura juvenil”, ou termos como “juvenilização”, “jovialidade” – e outros – mostram o esforço de sociólogos, psicólogos, educadores, geógrafos e historiadores em desenvolver

uma teoria para essa categoria humana. Esse esforço, de maneira cumulativa, com acordos e desacordos, tem apresentado alguns resultados, tanto no campo do método, quando da efetiva representação da juventude.

Ora, a primeira constatação é que abarca o termo simples “jovem” diferentes grupos sociais, diferentes e discrepantes. Quando se faz referência aos skatistas, aos roqueiros, aos jovens do hip-hop, do rappers, dos coletivos jovens de mulheres negras, indígenas; de gente do movimento estudantil; de jovens rurais; da juventude do Movimento dos Sem Terra; dos jovens empreendedores; dos grupos religiosos e uma infinidade de outros grupos, está se enxergando a efetiva heterogeneidade da juventude. Dayrell, um estudioso de várias problemáticas da juventude, revela que,

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo o processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRELL, 2003, p. 3)

Conforme se lê nas palavras do autor, mais que heterogeneidade e fragmentação juvenil, ou qualquer outra característica, ao vislumbrar o jovem e o meio social concreto, há uma troca dialética: o mundo social cria o jovem, o jovem ajuda a criar o mundo concreto. Por isso, quando o processo de identificação se faz a partir de categorias como classe social, renda, raça-etnia, sexualidade, observa-se contradições e delas brotam formas profundamente desiguais de se apropriar do mundo e do próprio corpo. Atravessados por essas categorias, o chamado “mundo jovem” se torna plural e contraditório. Essas contradições são vistas nas escolas em que os antagônicos grupos frequentam, no turismo e no lazer que fazem, na assistência médica, na mobilidade no espaço, na moradia e, especialmente, no modo como desenvolvem o status social. Jovens filhos de opressores são educados para oprimirem; jovens filhos de pais que dominam são criados para dominarem. E jovens trabalhadores são lançados no mundo para lutarem pela reprodução da vida pelo trabalho-emprego, golpeados para terem a cabeça do opressor e dos dominantes.

Dessa perspectiva analítica os estudos são remetidos a pensar o jovem trabalhador como sujeito de direito, pois lhe é negado saúde, moradia,

transporte e, especialmente, educação de qualidade. O educador e filósofo da Educação Miguel Arroyo diz que,

Um novo olhar deverá ser construído, que os reconheça como jovens e adultos em tempos e percursos de jovens e adultos. Percursos sociais onde se revelam os limites de ser reconhecidos como sujeitos dos direitos humanos. Vistos nessa pluralidade de direitos, se destacam ainda mais as possibilidades e limites da garantia de seu direito a educação (ARROYO, 2005, p. 23)

Os contextos sociais, o modelo de acumulação, os problemas de um espaço/tempo acelerado, geram conflitos e possibilidades para os jovens. No contexto atual a juventude, ou os diferentes grupos juvenis, especialmente, a juventude trabalhadora, conforme assinalou Arroyo (2005), tem o desafio de lutar pelos direitos de viver, conviver, usar os espaços públicos, incluindo a escola. Nessa direção, serão apresentadas as cartas de vida de jovens da periferia proletária de Goiânia e dados estruturais de sua condição de vida. As cartas enunciam os seus desafios, o seu lugar no mundo, as suas dores. E se tornam documentos para que educadores, gestores, autores saibam com quem trabalham.

3 IDENTIDADES ENTRELAÇADAS: A JUVENTUDE DA REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA

Em 1979, por meio de lutas, processos de enfrentamento da polícia, organização popular, surgiu o Jardim Nova Esperança, o primeiro bairro da região noroeste de Goiânia. Empenhado no signo da luta, logo após sugeriram a Vila Finsocial, Vila Mutirão, em três etapas; Jardim Curitiba, em várias etapas, incorporando bairros antigos, como a chácara Mansão Rosa de Ouro e Recreio São Joaquim.

Objeto de preconceito espacial e de estigmas territoriais, a região foi se consolidando sob a denominação de “bolsão pobre de Goiânia”. O fato é que posteriormente, migrantes do norte e nordeste brasileiros, por meio da conjunção de classe, se estabeleceram na região. O arquiteto Anderson Ferreira da Silva, numa pesquisa intitulada “GOIÂNIA À NOROESTE: da ocupação ao novo centro urbano”, esclareceu as marcas de representação incididas sobre a região. Ele diz que,

Essa herança sociocultural e econômica da região noroeste, durante anos, foi algo que a separou do restante da cidade e fez dela uma espécie de cidade-satélite que se relacionava com o bairro de Campinas e com a região central da metrópole apenas para o abastecimento e trabalho. Já, a partir do início da década 1990, não só o Jardim Nova Esperança, mas todos os demais bairros da área estavam bem consolidados. Porém, tinham, ainda, que fazer essa peregrinação para os outros locais centrais em busca de postos de trabalho, saúde, atendimentos públicos e até de serviços de abastecimentos e bancários (SILVA, 2014, p. 14).

Intervenções políticas da gestão municipal, organização de movimentos sociais, celeiro político das camadas populares, a região noroeste eclodiu-se como uma periferia proletária de Goiânia. As mudanças da região, a partir da incrementação de infraestruturas urbanas, os novos loteamentos, o crescente processo migratório, juntando-se à expansão urbana de Goiânia em direção a todas as regiões, dinamizaram a região noroeste. O fato é que segundo a pesquisadora Renata Cândida da Cruz (2015), a região não pode ser considerada apenas um bolsão de pobreza. Ela demonstra que em 2012 a região obtinha 22 unidades educacionais vinculadas à rede municipal. Além dessas unidades, existem várias escolas estaduais e também particulares.

As escolas, por isso, são territórios os quais a juventude da região estabelece boa parte de sua vida. É também na escola que a voz juvenil ressoa de maneira coletiva. Por conseguinte, é um espaço importante para captar as suas representações. Para o andamento deste trabalho, foi desenvolvido um questionário que nos subsidiou de informações básicas para caracterizar a sociabilidade, a identidade e o escopo social dos jovens alunos da região. Posteriormente, foi pedido que escrevessem cartas contando a sua história de vida correlata à região. Os questionários revelaram que,

- **Sexo: 50% Feminino e Masculino;**
- **média de Idade 22 anos;**
- **36% são solteiros; 21.5% são casados; 28.5% já foram casados e 14% outras situações;**
- **52 % se declararam pardos; 21% negros; 18% Brancos; 9% Indígena**
- **42% se declararam evangélicos; 35 % católicos; 14% sem religião;**

Fonte: alunos e alunas do Colégio Estadual Severiano de Araújo – Vila Mutirão – Goiânia-Go, 2019.

Nesse quadro algumas informações merecem ser aludidas. Embora a idade média dos jovens seja pequena, o índice de casamento para a correspondente idade, é alto, diferenciada do Brasil, no qual cada vez mais as pessoas retardam o casamento. Juntando-se pardos e negros, o índice atinge mais de 70%, demonstrando a relação entre classe social, etnia e espaço. Ou seja, os territórios segregados são, igualmente, territórios negros. Um dado reluzente é a superioridade de adeptos às igrejas evangélicas. Esse dado demonstra o novo estatuto social e cultural que resplandece nas visões de mundo da juventude. Esclarece também uma contradição: em termos de operação social a juventude é chamada a consumir, ao narcisismo existencial e ao hedonismo, mas filiam-se às igrejas que cunham representações metafísicas e espirituais.

36% Empregados com carteira assinada:

24% Desempregados (vivem com ajuda da família)

**12% Trabalha como: informal/por conta própria / faz bicos/
temporário/outros**

28% Estuda e faz curso profissionalizante.

Fonte: alunos e alunos do Colégio Estadual Severiano de Araújo – Vila Mutirão – Goiânia-Go, 2019.

Mesmo oriundos da classe trabalhadora, apenas 36% possuem carteira assinada. Somando os jovens que apenas estudam com os trabalhadores informais e desempregados, a ordem é de quase 70%. Vê-se aqui a dificuldade de os jovens reproduzirem a sua vida com autonomia; esses dados demonstram também o extrato perigoso e covarde da desigualdade social e da desregulação previdenciária do trabalho. Especificamente o desemprego estrutural atinge as vísceras da vida jovem, o seu presente e o seu futuro. Sobre a relação entre juventude e trabalho, Cadoná e Góes (2013, pág. 42), explicam que,

A análise da situação desses jovens no mercado de trabalho permite indicar que muitos deles enfrentam dificuldades não somente no ingresso ao mercado de trabalho (encontrarem uma ocupação permanente), mas, também, para permanecerem ocupados; quando ocupados, suas condições variam em função do setor econômico em que atuam, das relações de trabalho que encontram, das continuidades e das discontinuidades que caracterizam suas trajetórias ocupacionais, de suas jornadas de trabalho, dos salários que recebem.

Marcado pelas evasões contínuas, a relação entre juventude da periferia proletária e a formação escolar põe, às claras, a fragilidade das políticas do Estado a partir da precarização dos serviços fundamentais, como é a educação escolar.

- 21% moram só com um dos pais;
- 35% moram com pais e irmãos;
- 42% moram com companheiro, esposo/ outros;
- 38% Moram em asa própria;
- 38% Casa Alugada;
- 15% Moram em casa cedida
- 28.5% Tem renda familiar até 1 salário mínimo (R\$ 998,00);
- 35.7% Mais de 1 e até 1,5 salário mínimo;
- 30.5% Mais de 1,5 e até 2 salários mínimos;
- 5.1% Acima de 3 salários mínimos.

Fonte: alunos e alunos do Colégio Estadual Severiano de Araújo – Vila Mutirão – Goiânia-Go, 2019.

A leitura das informações obtidas no quadro, ao focar os temas da moradia e da renda, revela alguns aspectos cruciais da estrutura social da juventude: inicialmente demonstra o alto percentual de separação dos pais. As densas trajetórias juvenis da periferia proletária lidam com esse fato que ressoa na formação do afeto, na organização dos lastros familiares e também no desenvolvimento do superego. O que se denomina corriqueiramente “desestruturação afetiva” evidencia o elo entre a estrutura social e a formação da subjetividade juvenil. Assim, quesitos como o desemprego, a pobreza e a desigualdade social atuam nos afetos e na emoção.

Na relação entre moradia e economia, percebe-se que quase 50% dos jovens moram em casas alugadas. Conforme tem sido a reflexão geográfica, a

moradia é a base pela qual a pessoa organiza o íntimo e a sociabilidade. Na moradia o dentro age como vida, o mundo invade o íntimo. O estremecimento emocional e econômico da casa são, desse modo, anteparos de uma vulnerabilidade social, difícil de ser compensada. Essa vulnerabilidade ecoa-se como insegurança, ou como adesão às linhas de fuga.

4 HISTÓRIAS DE VIDA E HISTÓRIAS DO ESPAÇO: O CONTRAPONTO DA JUVENTUDE

As determinações sociais implicadas na formação da juventude brasileira, sob a perspectiva de método, reconhecem o específico juvenil, ou seja, reconhecem esse grupo como portador de uma realidade; e, ao mesmo tempo, os inclui no campo da acumulação capitalista, no qual se encontram outros grupos sociais. Por isso, categorias como classe social, gênero, raça-etnia e outras estão ligadas ao espaço. Morar, deslocar, trabalhar, estudar – e outras ações pertinentes à sociabilidade – concretizam-se espacialmente. Por conseguinte, é verossímil falar em juventude da periferia urbana da região noroeste de Goiânia. O espaço é, por conseguinte, uma determinante da identificação social.

A partir desses pressupostos, se tornou possível recolher – e acolher – as histórias de vida dos jovens a partir da sociabilidade dos jovens na região noroeste de Goiânia. Para efeitos didáticos e de estratégia de leitura, as histórias serão apresentadas para, posteriormente, serem analisadas. Para cumprir os preceitos éticos resolveu-se indicar apenas a primeira letra do nome do narrador.

HISTÓRIA 1

Vou te falar: moro aqui...acho que desde os 3 anos, a minha mãe veio do Maranhão. Eu não sei bem como foi, ela veio para trabalhar, dizia que aqui tinha mais trabalho. Então eu cresci aqui. Aconteceu muita coisa, né! Ela é doméstica, agora é diarista, trabalha muito, tenho dó dela. Quero ajudá. Ela chega cansada, preocupada. Se fica doente, tem que trabaíá, a mesma coisa. Eu cresci aqui, tenho amigos daqui, o povo aqui é pobre, né. Tem de tudo: trabalhador, gente que rouba, gente que foi preso, gente de droga, gente da religião, todo mundo fala para a gente participá. Eu sonho em ter um emprego bom, ajudar a minha mãe,

os meus irmãos, eu só quero isso. Já tivemos muita dificuldade, muito preconceito, muita desconfiança. A gente aprende a viver com isso. Eu queria ser mais presente na escola, mas é difícil, não tem base. A escola é boa, tem professores bons, mas é meio bagunçado, acho que os alunos não valoriza, eu tento valorizá, mas fica meio bagunçado. Num quero ir para malandragem, não. Muita gente vai, eu não culpo eles não, é difícil. Eu já trabalhei em muita coisa, sempre ganha pouco, num tem segurança. Aqui é pouco lazer. Mas a gente tem amigos, encontra. Mas o povo de fora pensa que todo mundo aqui é bandido, é porque num conhece. Aqui tem muitos trabalhadores, de tudo, servente, pedreiro, vendedor, cobrador, pastor, diarista, comerciante, vendedor ambulante. Se você quiser é isso. A gente sempre espera melhorar, mas eu num confio em governo, não. A política é mais bagunçada que nós. A minha vida é difícil, vai levando.

HISTÓRIA 2

Meu nome é K. tenho 20 anos de idade, moro na região noroeste atualmente. Eu vim pra cá em busca de planos para o futuro, na minha cidade no Pará o ensino é muito fraco e então eu optei por vim para Goiânia, onde eu nasci, só que fui embora muito nova, por conta da separação dos pais, os parentes de minha mora lá. Meus pais são daqui eles casaram novamente e eu optei para vir morar com meu tio em Goiânia depois da maioridade, fui morar na região noroeste no bairro da Vitória para poder trabalhar e estudar e poder adquirir mais conhecimento. Atualmente não estou trabalhando, só estudando e tenho apoio do meu tio, então não é necessariamente eu ter que trabalhar para me sustentar, meu tio me dá um apoio muito bom e meus pais me ajudam mensalmente. Então eu estou me especializando e fazendo um curso de gestão de segurança, terminando o ensino médio pela EJA, na escola da região aqui mesmo. Também eu atualmente participo de uma Igreja Cristã, onde meus amigos frequentam, me sinto bem lá. Minhas atividades recorrentes que eu faço é estudar, vou para casa, trabalho em casa, ajudo na limpeza de casa e fazer almoço. Meu futuro eu penso em ser policial, porque é um sonho desde criança e até hoje eu tenho isso em mente para poder seguir carreira. É essa carreira que eu quero e estou fazendo

minha parte, terminando o ensino médio e fazendo um cursinho que vai me ajudar futuramente. Quero poder trazer minha mãe para morar aqui em Goiânia comigo e não pretendo voltar para o Pará, porque eu acho que em si lá não é bom de se viver, pela falta de segurança. Aqui também tem um pouco essa falha, porém é menos. Também poder trazer minha irmã, caso meu pai queira me visitar aqui. Também poder seguir minha vida de adulta sozinha, me sustentar e conseguir realizar todas as minhas metas, sonhos e objetivos.

HISTÓRIA 3

Meu nome é A. Maria A. S. Nasci no Maranhão na aldeia Monte Alegre. Nasci lá com muita dificuldade, cresci assim um pouco abandonada de pai e mãe. Depois minha mãe quis me tirar de dentro da aldeia, mas eu voltei. Tive muito amigos, muito deles morreram e me desgostei. Voltei de novo para rua e depois voltei novamente para aldeia. Passou o tempo e com 14 anos comecei a namorar. O namoro não ia bem. A gente pensa que o namoro é um sentimento puro, é mentira. A gente tem um sentimento e as pessoa não tem e depois leva um pé na bunda depois. E vai sofrer só a gente. Eu engravidei e abortei, mas antes de isso acontecer eu tive um trauma. Quando eu tinha uns 7 anos, aconteceu uma tragédia comigo, que eu não gosto de falar, mas sinceramente, isso é para os pais tomar um pouco cuidado com os filhos, porque o meu não teve, nenhum perigo de cuidado comigo, mas de jeito maneira nenhuma. Pegaram e me deram para umas pessoas e essas pessoas disse que me cuidando, o que me fizeram? Me abusaram. Ai depois voltei para minha família de novo, falei para minha mãe, mas ela não deu ouvidos para mim, fez de conta que eu não existia. Pegaram e me deram para outro povo. Depois de muito anos, ela foi querer perguntar o que tinha acontecido, já tinha passado, nessa época eu tinha 14 anos e eu desgostosa tudo, só que eu estudava, ler escrever e tudo foi um sonho. Porque minha vida sempre foi muito precária demais: passei fome, apanhei, apanhei até sem merecer. Apanhei, mas o estudo sempre tive na minha cabeça. Tive um sonho de ser professora, mas minha mãe disse: isso não dá pra ti. Sempre tive sonho de ser atriz e minha mãe disse: tu acha que isso vai dar pra ti? Ela sempre jogou um balde de água fria nos meus sonhos. Quando dava para sorrir, ficava triste de novo. Não tinha como resistir, as coisas que ela falava para mim. Era

triste demais. Como uma mãe falar aquilo para um filho? Depois com 15 anos, engravidei, foi precário, porque ela me fez abortar. Depois casei e tive um filho, o nome dele é A. Ele é muito especial para mim, tem 4 anos e está com pai dele, mas está longe de mim, pois está no Maranhão. E as vezes fico só chorando porque fico pensando nele. Então eu vim para Goiânia, para ver se minha vida mudava, para ver se dava uma reviravolta e mudasse tudo. Porque para mim estava muito precário, sem comida e tudo. Praticamente fui expulsa da minha família e pelo marido, porque me separei dele e tive que sair de lá e ir para outro lugar. Então eu vim para Goiânia para procurar um trabalho e estudar. Meu plano foi esse. Está dando certo graças a Deus, já fiz um bico. Agora quero terminar os estudos, me formar em enfermeira. Tenho fé em Deus que vai dar tudo certo, para um dia eu voltar e ser uma pessoa de bem e fazer bondade para as pessoas que me ajudaram. Quero ser uma enfermeira bem capacitada.

HISTÓRIA 4

Boa noite, meu nome é J., tenho 26 anos, moro em Goiânia, sou brasileiro desde quando eu nasci. Eu sou jovem pobre da periferia, da classe baixa, média baixíssima. Não tenho privilégio de quase nada. Tenho um filho de 5 anos, eu amo muito ele, por causa que não tive pai. Meu pai não me deu atenção nem quando eu era jovem, porém segui minha vida, eu consegui caminhando em cada rua, em cada viela, em cada esquina do Brasil, de nossa Goiânia, em cada cultura misturada que é nosso Brasil, bem diferente. É fácil fazer amizade, se desenvolver. Eu sou uma pessoa bem comunicativa. Eu aos meus 8 anos comecei a ganhar dinheiro vigiando carro, fazendo frete e catando verdura na feira para sustenta e alimentar minha família e meus irmãos. Na periferia você não tem muitas oportunidades. Os projetos e oportunidades mais fáceis que têm é você se enturmado para fazer um “corre”, “uma correria”, para você ter um gosto de ter satisfação de uma casa para morar, de poder comer alguma coisa e vestir uma “peita” sei lá, usar um boné massa, sair com uma moça, poder presentear sua mãe e até abençoar um vizinho seu e essa indignação não passa até dos 14 anos. Porque até os 14 anos você forma psicologicamente, de tanto sofrimento

alimentado, praticamente um turbarão que já nasce nadando, pronto para correr atrás do que você sempre sonha, que ter uma casa e viver bem. E aí aproximadamente aos meus treze anos, eu comecei a fazer parte de um pessoal que fazia tráfico de drogas e exportação de carga, várias coisas que me fez feliz. Não me arrependo de nada do que fiz, porque tudo isso me fez homem e me trouxe até onde fui. Trafiquei até aos meus 18 anos. Com 18 anos eu tinha passado na seleção do exército, eu queria muito, porque minha mãe falou que não iria conseguir e muitos dos meus colegas disse também, por isso eu quis. Eu falei para mim mesmo que eu ia conseguir. Uma semana antes de entrar no Quartel, eu rodei com um quilo de cocaína, uma das mais pura que já teve em Goiânia. Eu fiquei preso na CPP. O coronel do Exército mandou um alvará para a juíza da 2ª Vara para me soltar porque eu já tinha passado na seleção. E isso para mim foi que eu acreditei que não tinha mais limite, por isso sou uma pessoa que nunca desacredito nem dos outros e nem de mim. Eu tenho uma grande confiança e autoconfiança sobre minha pessoa. E tendo em vista que aprendi muitas coisas, foi três anos e meio de exército. Eu só entrei na vida do crime para poder sustentar minha família e abençoar pessoas e não ser amaldiçoado e humilhado, foi esse meu recurso. E com isso eu tendo em vista que o estudo é melhor para o ser humano e que dá um futuro. O estudo que é vida e que é o sucesso que permanece, que mantém, que é merecido, por isso eu voltei para a escola. Tento o bastante ser amigo, ser companheiro, ser divertido porque eu sei o que é ser ruim, o que é ser mal, o que é ser covarde. Eu conheço os dois lados. E a palavra de Deus fala que quando você conhece a verdade ela te liberta. Então eu me sinto um jovem liberto. Eu represento todas as favelas de Goiás.

HISTÓRIA 5

Meu nome é Mara, tenho 19 anos. Nasci em Fortaleza, Ceará. Morei com meus avós durante dois anos e meus pais vieram para Goiânia para estabelecer aqui, na verdade, minha mãe e meu padrasto, porque meu pai separou da minha mãe quando ela estava grávida de mim. E quando eu vim morar aqui, minha mãe estava grávida da minha irmã e a gente veio morar na região noroeste de Goiânia

e, eu permaneci aqui durante todo tempo de minha vida. Onde eu moro hoje em dia é um bairro muito simples e muito legal. Onde fiz várias amigas, conheci várias pessoas que me fizeram me entender como mulher e como mulher negra. Eu passei a transição com essas pessoas. Me formei uma adolescente com poucos problemas que os adolescentes normais de hoje em dia e me dei conta de entrar em movimentos, no Movimento Negro Unificado, que eu faço parte até hoje. Entrei em movimentos de Igreja, passei por outros movimentos até estabelecer no MNU, que é onde eu luto com minhas amigas, com pessoas mais velhas, com pessoas que gosto bastante, contra o racismo, contra os problemas da educação, contra a homofobia, contra a transfobia e várias outras causas que idealiza a sociedade de hoje em dia. Eu tenho como visão para o futuro, fazer faculdade de medicina, passar no ENEM com nota mil para fazer medicina na UFG na área de pediatria. Se eu não conseguir agora em 2020, eu vou fazer pedagogia, porque eu quero trabalhar com crianças.

HISTÓRIA 6

Meu nome é C. Desde os meus dois anos eu moro aqui na região noroeste. Tenho 22 anos. Sou filha de pais divorciados e moro com meu pai, porque a família dele mora aqui nesta região. Eu faço a modalidade de ensino EJA, por algumas razões que me tiraram fora da escola. Um dos maiores motivos que me fez voltar ao estudo foi a falta desemprego. Estou desempregada também e quem me dá apoio são meus pais e minha família. O trabalho já é difícil de se encontrar e quando não se tem um ensino médio fica mais difícil ainda, aí eu voltei e escolhi a modalidade EJA porque é mais rápido e mais viável para mim. E fazendo a EJA eu me lembrei da paixão que eu tenho por História. Amo História. Descobri isso no meu primeiro ano e, a ideia que eu algum dia posso entrar na sala de aula e inspirar umas cabecinhas menores a pensar em tudo: por que a gente está aqui? O que a gente está fazendo? Quais são os nossos direitos? Por que isso, por que aquilo? E pensar que eu posso inspirar essas cabecinhas hoje em dia é que está me mantendo aqui na escola ainda. Não é mais por conta do trabalho, se bem que vai adiantar muito, mas é ir para frente e fazer novas pessoas pensarem,

formar novos cidadãos, para a gente que sai da periferia conseguir chegar lá em cima também.

A leitura das histórias de vida, isto é, das representações juvenis feitas pelos próprios jovens a partir da mediação do espaço – a região noroeste – descortina pontos que dizem respeito à experiência espacial concreta, contudo com ressoo universal. Pode-se vislumbrar isso observando o quadro-síntese abaixo.

QUADRO-SINTESE DAS HISTÓRIAS DE VIDA DE JOVENS DA REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA

| RELAÇÃO ESPACIAL | SOCIABILIDADE | PERSPECTIVAS |
|------------------------------------|--|----------------------|
| Migrantes do norte e nordeste | Trabalho informal | igreja |
| Trazer parentes do lugar de origem | Desemprego; perigo da droga; participação de roubo e tráfico | Gravidez precoce |
| Separação da família | Abandono | Afeto fraturado |
| Moradia com avós | Movimento negro unificado | Consciência história |
| LAZER e trabalho no bairro | EJA; fome | IGREJA |

CHAVEIRO, E. Felício (2020)

A leitura do quadro-síntese, oriunda das histórias de vida de jovens da região noroeste de Goiânia apresenta, inicialmente, o posicionamento de Goiânia na divisão regional do trabalho. A cidade, ao receber trabalhadores migrantes do norte e nordeste brasileiros, asperge-os para as periferias proletárias, onde os jovens, enfrentam dificuldades de emprego, de organização dos afetos e de estruturação da formação escolar.

Observa-se que a precarização do trabalho redundando na precarização da vida. As histórias de vida dos jovens demonstram o enfrentamento diverso para

sobreviverem economicamente. Muitos procuram soluções nas chamadas às linhas de fugas, como a droga, o roubo, o assalto. Muitos desses jovens são oriundos de abandonos, possuem cisões com a família, constroem a vida sem perspectivas concretas. Por isso, atendem, com rapidez, a solicitação das igrejas, onde exercem a sua sociabilidade na periferia, onde podem falar, serem ouvidos, declamarem seus problemas, acenarem uma perspectiva, mesmo que deslocada do mundo real.

Observa-se a pluralidade de situações, embora com certa unidade: o mundo que chega aos jovens é um mundo perigoso e contraditório. Experiências como abuso sexual, abandono familiar e prisão contrastam com a visão de que quem participa de movimentos sociais. A heterogeneidade juvenil é vista na periferia proletária. Essa heterogeneidade adentra as salas de aula. A pergunta, tão bem balizada por Arroyo (2012), pode ser feita: a escola está preparada para acolher esses jovens, as suas riquezas, as suas dores, a sua heterogeneidade?

Noutra versão, ao fazer uma relação entre a elaboração dos currículos e a educação, o autor afirma a necessidade de as escolas, em todos os graus, considerar as tensas relações dos alunos. Ele diz que,

Uma tarefa necessária na elaboração dos currículos de educação básica e de formação de professores/as será como superar concepções generalistas de cultura e concepções simplificadas de identidades culturais e como incorporar as culturas afirmadas pelos movimentos sociais, cultura do trabalho, da terra, das resistências e da libertação de que são sujeitos. A cultura tem estado ausente nos currículos de educação básica e de formação de docentes-educadores/as, ausente nos diversos cursos de educação superior. As escolas, as universidades, os currículos deixaram de se pensar e de ser centros de cultura, de reconhecimento e de trabalho das tensas relações políticas entre culturas. Os movimentos sociais são protagonistas centrais na politização das tensas relações entre as culturas e do não reconhecimento da diversidade cultural. Politizam as tentativas de destruição das culturas dos povos indígenas, quilombolas, negros. Politizam a cultura para além de concepções, que os pensam submissos, passivos ou partilhando da cultura hegemônica (ARROYO, 2015, p. 62)

As densas, intensas, heterogêneas e contraditórias histórias de vida dos jovens da periferia proletária da região noroeste de Goiânia, além de serem o dado concreto e objetivo com o qual a escola trabalha, pode significar riqueza de conteúdo humano. A partir de suas histórias é possível também tecer uma

crítica à formação social brasileira, ao modo como o Estado tem sido constituído. É possível, ainda, enxergar a luta de classe e a sua ligação com as componentes da raça-etnia e do gênero. Como foi visto nos relatos, apesar do sofrimento, das dificuldades, dos limites, os jovens, tecem, no espaço, a sua vontade de progredir, os seus sonhos, as suas fantasias. Daí, não ser necessário vitimá-los, mas acolhê-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude da periferia proletária, conforme foi visto nos dados e nos relatos apresentados, possuem densas, intensas e contraditórias trajetórias sociais. Especificamente, os jovens trabalhadores da região noroeste de Goiânia são documentos vivos das grandes transformações sociais que, de 1960 até o presente momento, eclodiram-se alterando a estrutura do trabalho, das comunicações, dos afetos, a sociabilidade e as relações com a escola.

Ao ouvir os jovens e interpretar as suas histórias de vida, conectando-as aos dados ligados à sua renda, condição de trabalho, estrutura familiar, foi possível perceber o ser concreto que adentra as salas de aula. Esse ser fraturado, de vida precarizada, traumatizado, mas esperançoso e sonhador, é a substância real com a qual o processo de ensino e aprendizagem se efetiva.

Altamente conectado por meio das redes, mas carente; às vezes narcísicos, contudo angustiados; corajosos, mas melancólicos, a juventude da periferia proletária, em muitos casos, procura meios metafísicos para sanear a sua sede de mundo. Em outros casos, procura vias clandestinas, como as drogas, o roubo, o assalto, para efetivar a sua sobrevivência.

Observou-se que a juventude da região noroeste de Goiânia é multifacetada: há os grupos religiosos; há os trabalhadores informais; há os desempregados; e há os que desacreditam nos poderes oficiais. Muitos carregam traumas da infância face as separações dos pais; outros produzem a sua identidade nos Movimentos Sociais, como o Movimento Negro. Em todos, vê-se a coragem de falar, de exporem as suas dores e os seus sonhos.

A condição juvenil da região noroeste de Goiânia é visível: a maioria é migrante advinda da região norte e nordeste do Brasil. A separação do espaço, em muitos casos, se une à separação da família. Goiânia, ao catalisar trabalhadores do norte e do nordeste brasileiros, vê a sua periferia redesenhada, não apenas pela expansão urbana, mas pelo conteúdo social e humano.

A história de luta, ocupações, organizações sociais, culturais da região noroeste de Goiânia se mostra viva: antes a região era objeto de um preconceito espacial, agora é alvejada pelo capital imobiliário. A história do espaço participa da história de vida, essa adentra a escola, contudo, é quase sempre silenciada pelos conteúdos escolares trabalhados na maquinaria escolar. O jovem grita, a escola não quer ouvir.

Referências simbólicas vulneráveis. Desconfianças no Estado e nos seus órgãos como a polícia, no aparato jurídico e médico. Desemprego. Preconceito – e vários outros problemas estruturais recaem no jovem da periferia proletária. Ao ler os dados de suas condições, é fácil compreender que categorias como classe social, gênero, raça-etnia e outras se concretizam no espaço – e no espaço o jovem relaciona, vive, produz as suas aspirações.

Por isso, convém debruçar-se contra as representações negativas outorgadas aos jovens da periferia. Para isso, é necessário interpretar o mundo concreto pelo qual o jovem se situa. Ao interpretar as contradições do mundo a mira das representações pode ser outra: o jovem vive num mundo violento, que precariza a vida do trabalhador e o adocece. Para ler o jovem convém ler o mundo, essa é uma tarefa da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas** – trajetórias e tempos de alunos e mestres, Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel. **Educação de jovens-adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- GOMES, Nilma Lino. Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.
- ARROYO, Miguel. Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos. In: **Educar em Revista**, Ed. UFPR, Curitiba-PR: 55, p. 47-68, jan./mar. 2015
- ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2012.
- CADONÁ M. André & GOÉS, C. Hamilton. JUVENTUDE E TRABALHO: EMPREGO E DESEMPREGO ENTRE JOVENS NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL (RS). In: **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.39, p., jul./dez. 2013
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano, In: _____. **Geografia da Cidade**, Goiânia: editora Alternativa, pg. 13-32, 2001.
- CRUZ, Renata Cândida. **A REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA: de grande bolsão de pobreza à nova classe trabalhadora**. Dissertação de mestrado defendida no Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2015.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito Social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, Rio de Janeiro, set./dez. 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- SILVA, Anderson Ferreira. **GOIÂNIA À NOROESTE: da ocupação ao novo centro urbano**. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de Brasília: Brasília, 2014.
- TAKEUTI, Norma. Subjetividades e Vínculos Sociais, in. SOUSA, I. M. (Org.) **Café Filosófico: Filosofia, Cultura E Subjetividade**. Natal-RN: Ed. UFRN, p. 262-273, 2004.